

## RESENHA DO LIVRO O TEMPO DAS PAIXÕES TRISTES DE FRANÇOIS DUBET

 <https://orcid.org/0000-0003-0824-5734>, Lurdete Castelan Novicki<sup>A</sup>  
 <https://orcid.org/0000-0002-9614-568X>, Julia Larissa Borges Barcella<sup>B</sup>

<sup>A</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil

<sup>B</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil

Recebido em: 12 out. 2022 | Aceito em: 07 nov. 2023

Correspondência: Lurdete Castelan Novicki (lurdetenovicki@gmail.com)

*Nós nos encontramos numa situação paradoxal: o agravamento mais ou menos intenso das desigualdades se conjuga com o esgotamento de um certo sistema de desigualdades formado nas sociedades industriais, o das classes sociais.*  
(Dubet, 2020, p. 11)

Na obra *O Tempo Das Paixões Tristes*, François Dubet assevera que o prolongamento da modernidade fez nascer um novo sistema de desigualdades, o das classes sociais. Nela, as posições sociais passam a ser definidas pelo trabalho, pela criatividade humana associadas a um modo de vida, e não mais pela ordem teológico-política do Antigo Sistema. É em torno da formação da classe operária miserável e da emergência de uma classe de industriais capitalistas que se constrói o sistema das classes sociais. Sendo este sistema expressão política do encontro conflituoso e contraditório da igualdade democrática na divisão do trabalho capitalista.

No entanto, o autor elabora uma hipótese de que esse sistema de desigualdades vem sofrendo importantes transformações que, por sua vez, explicam as cóleras, os ressentimentos e as indignações de nossos dias. Assim, as desigualdades que antes repousavam na estrutura social, claramente compreendida como injusta, mas inscrita numa ordem relativamente estável, agora se diversificam, se individualizam e mudam de natureza transformando profundamente a experiência que temos delas.

Dubet (2019) destaca cinco grandes aspectos responsáveis por esse fenômeno social: o capitalismo, a globalização, o colapso da União Soviética, a crise de 2008 e o terrorismo. Esses movimentos são mundiais e característicos das sociedades industriais, nacionais e democráticas. Já o neoliberalismo seria a causa essencial dessas preocupações, pois ele não apenas destruiria as instituições e os atores da sociedade industrial, como imporia um novo



2023. Novicki; Barcella. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

individualismo responsável por fraturar as identidades coletivas, as solidariedades, a civilidade e o controle de si.

O livro compõe-se de quatro capítulos, além da introdução e da conclusão. No primeiro e segundo capítulos, é apresentada a tese de que o agravamento das desigualdades se conjuga com o esgotamento de um certo sistema de desigualdades formado nas sociedades industriais, o das classes sociais. Esse fenômeno seria a chave para entender as inúmeras transformações sofridas nos últimos tempos, pois o surgimento de novas clivagens, além de não sobrepor os grupos, não agregam mais conjuntos homogêneos de desigualdades, tornando as análises mais densas e nebulosas. Ou seja, não se trata de uma ampla classe média – a qual dizem pertencer a maioria dos indivíduos –, mas de uma nova composição social que fraciona ainda mais as posições sociais segundo uma infinidade de critérios e dimensões pouco congruentes entre si.

Nesta nova estrutura social as posições dentro das diversas escalas de desigualdades não param de se multiplicar. Entretanto, não há interseccionalidades ou correspondências entre si, afetando a percepção e o modo como cada um as sente. A dispersão das condições de vida contribuiu para a desintegração das sociedades de classes e tornou ainda maior o desafio de interpretá-las, tendo em vista que as novas posições sociais não agregaram princípios de unidades de modo tão definidos e explícitos como era antes.

Ademais, a Revolução Francesa não aboliu totalmente as barreiras da posição e da honra, uma vez que o sistema das ordens e das castas ainda subsistem, em forma de herança, no seio da modernidade. Embora vencida a sua dimensão legal, as barreiras invisíveis da origem social e cultural, da cor da pele, do sexo e dos diplomas, por exemplo, ainda funcionam como demarcadores ou fronteiras, por vezes, intransponíveis. Tais barreiras ganham maior força e contornos mais bem definidos por meio dos processos de distinção. O consumo de massa tornou-se um dispositivo sutil desse processo, ao expor o poder e o prestígio desta ou daquela posição social.

O consumo também multiplica os públicos sem que esses recuperem posições mais efetivas e duradouras na estrutura social, diminuindo drasticamente a mobilidade social ao subtrair as chances de um indivíduo escapar de sua posição social original e do destino coletivo de sua classe. Os diversos sistemas produtivos se sobrepõem e os mais pobres estão sujeitos ao abandono, mais do que a exploração, sendo considerados inúteis.

Instalam-se, assim, marcadores sociais e políticos que multiplicam as desigualdades sociais e possibilitam ao indivíduo acumular uma ou mais delas. As infinitudes de critérios e

dimensões aprofunda e individualiza o sofrimento dos sujeitos, que passam a experimentá-lo “na qualidade de”: assalariado mais ou menos bem pago, protegido ou precário, diplomado ou não, jovem ou idoso, mulher ou homem, solteiro ou casado, de origem estrangeira ou não.

Outra questão não menos importante se refere ao antigo paradigma pelo qual as antigas classificações de classes se acomodavam com pesquisas estatísticas relativamente simples. Como nenhuma teoria geral parece dar conta de sintetizar todas essas novas desigualdades num mesmo quadro, é necessário pôr em evidência os processos em curso, e a tentação de interpretar toda a vida social a partir de apenas um ponto de vista precisa ser urgentemente superada.

Nas estatísticas escolares, as dinâmicas das novas desigualdades ficam mais evidentes. O efeito das desigualdades sociais sobre as desigualdades escolares não desapareceu com a massificação escolar e o colégio único, elas se transformaram. E isso é, antes, um efeito de agregação de pequenas desigualdades do que um efeito de estrutura. Assim, a triagem não se faz mais pelos dispositivos seletivos de acesso, mas com outros tipos de seleção que apagam as “grandes” desigualdades de classe diluindo-as no próprio percurso do estudante<sup>1</sup>

O Estado enfrenta um impasse na orientação das políticas sociais, estas por estarem cada vez mais voltadas a questões sociais singulares. Na tentativa de representar a diversidade crescente nos grupos sociais, também se distancia de uma representatividade comum, tencionando a relação entre grupos, por alguns se sentirem, em certa medida, mais ou menos representados que outros. As iniciativas públicas contra as “grandes” desigualdades de classes, àquelas de ordem estrutural, se sobrepõem a uma série de operações contra as desigualdades singulares. Tais divergências, segundo Dubet (2019), não deixam de tornar indispensável mensurar e denunciar as desigualdades que agredem os princípios de justiça, ameaçam a coesão social e o sentimento de viver na mesma sociedade.

No terceiro capítulo da obra, nomeado “Experiências e críticas das desigualdades”, o autor se dedica a refinar o conceito de desigualdades múltiplas a partir da ótica da individualização das experiências, elencando classificações diversas de desigualdades com o prefixo “na qualidade de”. Deste modo, torna-se mais evidente a fragmentação da coesão social que, por estabelecer níveis de comparação mais próximos de cada realidade individual, afasta-se das lutas coletivas que caracterizavam os sistemas de classes.

É preciso estar vigilante ao pensar em desigualdades sociais, visto que diferentes

---

<sup>1</sup> Sobre os mecanismos de reprodução social mobilizados pela educação escolar, ver: Os herdeiros, os estudantes e a cultura (Bourdieu, 2018).

culturas carregam percepções profundamente variadas sobre elas. Como exemplo, nas sociedades que fazem uso da lógica meritocrática, as desigualdades são melhores aceitas, ainda que haja pouca mobilidade social. No campo dos indivíduos, Dubet (2019) aponta que a situação pessoal parece ser mais positiva do que a lógica coletiva, e continua ao exemplificar que o tema das desigualdades sociais tende a ser tratado com maior criticidade pelos jovens que não são vítimas delas do que pelos que são. Para ambos os casos, sociedades e indivíduos, a percepção das desigualdades está diretamente atrelada aos valores morais, de representação e a cultura política em que estão inseridos.

Nas desigualdades cotidianas, mais sentidas e consideradas, os indivíduos multiplicam os critérios de julgamentos e dissociam sua situação em várias dimensões, em razão daquelas que se sentem mais ou menos desiguais. Essas desigualdades estão atreladas a identidade, percurso, ambiente em que vive, portanto, percebidas dentro de um contexto conhecido, experienciado e propício a comparações. Nesta lógica, abre-se a prerrogativa de uma conduta em que a manutenção das desigualdades seja requerida em benefício individual, do que propriamente a sua redução em prol do coletivo.

No sistema de desigualdades múltiplas, o modelo de justiça social que paulatinamente torna-se fundamental é o da igualdade de oportunidades. Muito mais que uma igualdade no horizonte comum a todos, o princípio de igualdade vai se diluindo em grupos. A igualdade de oportunidades representa o avanço da condição de igualdade, que considera, agora, as discriminações injustas por natureza, pois essas atribuem aos indivíduos identidades estigmatizadas desde o início.

Neste sentido, desloca-se das desigualdades sociais pelas posições e recursos dos indivíduos, vinculadas ao sistema de classes sociais, para as desigualdades “na qualidade de”, onde a lógica da igualdade de oportunidades já não tolera os estereótipos causados pela discriminação que refugia o indivíduo a uma identidade pré-concebida.

Ainda que as desigualdades de renda sejam acentuadas, não são elas que mobilizam os indivíduos, mas sim uma série de pequenas desigualdades que provocam sentimentos diversos. Dubet (2019) aponta o desprezo como medida geral do sentimento de injustiça, que ocorre, sobretudo, pela discriminação. O respeito democrático, atrelado a confirmação de igualdade, seria o valor moral primordial ao combate do desprezo.

O reconhecimento passa a ser a ausência equivocadamente atrelada a desigualdade dentro do sistema de desigualdades múltiplas, onde o indivíduo vincula a falta de reconhecimento ao questionamento de seu próprio valor, associando-o ao desprezo sentido.

Contudo, Dubet (2019) retoma a tese mobilizada na obra *Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho* de que os princípios de justiça – igualdade, mérito e autonomia –, concebidos dentro de uma sociedade desigual, pressupõe uma compreensão homogênea da sociedade sobre eles, haja vista que todas as desigualdades partem de sentimentos de injustiças. Ao contrário dos princípios de justiça comuns, as “ausências de reconhecimento são de naturezas profundamente diferentes, pois remetem a princípios de justiça distintos”, ligados a “problemas de identidade, de gênero, de multiculturalismo e de dignidade, ao passo que a justiça social é reservada ao domínio de redistribuição e das desigualdades sociais” (Dubet, 2020, p.74-75).

A partir de uma pesquisa criteriosamente sociológica, Dubet tem o cuidado de apresentar a todo o tempo a empiria que sustenta as condições de sua tese de um sistema de desigualdades múltiplas. Não diferente, ao mobilizar os princípios de justiça na presente obra e os limites entre eles, sua alegação de que estes princípios estão presentes na individualização das experiências dos atores, advém de um trabalho de reflexividade social minucioso realizado com trabalhadores franceses e difundido na obra *Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho*<sup>2</sup> datada do ano de 2014.

O quarto e último capítulo é marcado pela abordagem à comunicação digital e as dinâmicas sociais que a alimentam e dão intenção ao fomento das desigualdades múltiplas. Esse cenário segue atrelado a ausência de representação política nos indivíduos, ao passo que modelos populistas ganham força dentro de uma sociedade onde o modelo econômico e a globalização diluem a ideia de Estado de bem-estar social. Os tempos da publicização das indignações, dos ressentimentos e das cóleras agora não precisam ter cara e, tão pouco, limites. A internet torna-se o lugar dos movimentos sociais individuais, já que cada um é militante de sua própria causa e, quando não encontra na narrativa social amparo, acusa o outro por sua indignação para se ver eximido da posição de vítima, de desprezado. Os meios de comunicação buscam agradar a todos, formatando seus conteúdos visando um jogo de representações que alimentem em algum momento as cóleras daqueles que os consomem. Seguindo essa tendência social, a identidade é afetada, pois substitui-se a identidade coletiva por identidades diversas, onde hora me identifico com uma situação e hora com outra, sem certeza do grau de filiação para cada uma delas.

No entanto, as expressões de ressentimento e indignação pouco resultam em

---

<sup>2</sup> Para maior compreensão dos princípios de justiça, se possível, ler a obra *Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho* (Dubet, 2014).

movimentos organizados politicamente e aquelas que conseguem se organizar, radicalizam suas lutas. As representações políticas populistas, tanto de direita quanto de esquerda, têm dominado esse espaço ao alimentar a “expressão direta da economia moral daqueles que se sentem despossuídos e divididos pela multiplicação das desigualdades” (Dubet, 2019, p. 108). Cada um tem seu inimigo e o trabalho do líder é o de conduzir as indignações de seu povo para ressentimentos, sendo estes passíveis de adversários.

François Dubet finaliza a obra *O tempo das paixões tristes* na cidade de Bourdeaux no ano de 2018, ainda que pareça ter sido escrita em tempos pandêmicos. Seria, então, um prenúncio do que estava por vir? Em certa medida o autor conclui com doses esperançosas, ao afirmar que, ainda que estejamos em tempos de infelicidades publicizadas e felicidades privadas, os indivíduos são mais generosos e ativos que a indignação populista. E a esta última, o engajamento da esquerda deveria ser retraçado para dar a essas expressões latentes um novo caminho político, longe do banco das cóleras e mais próximo da esperança.

## Referências

- DUBET, F. *Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho*. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.
- DUBET, F. *O tempo das paixões tristes*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*. Tradução: Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.